LUX JORNAL | ZERO HORA PORTO ALEGRE - RS | 4 SET 1996

190

1661

Entrevista: *Júlio Gaiger*

"Sou um presidente da Funai que assume a feição indígena"

Depois de ter sido o centro das atenções durante a cerimônia do Kuarup, no último final de semana, no Parque do Xingu, em Mato Grosso, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, desembarca amanhã em Londres com o rosto ainda pintado de genipapo, uma tinta preta, que demora a sair. Gaiger não se importou com a polêmica de ter recebido o ministro da Justiça, Nélson Jobim, no sábado, de sunga e quase irreconhecível, no meio dos índios. Contrariando a posição de alguns indigenistas, como os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, que proibiam os visitantes que chegavam ao parque de se pintarem como índios, o presidente da Funai aposta nessa proximidade e ainda ontem se mostrava eufórico com a experiência. Aos 38 anos, o gaúcho Júlio Gaiger chegou à Funai depois de um longo trabalho em defesa dos índios durante a Constituinte e no Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Durante a viagem à Europa, Gaiger, que antes assessorava o ministro Jobim na questão indígena, vai enfrentar a pressão das organizações não-governamentais (ONGs), descontentes com o decreto que permitiu a revisão de áreas indígenas. Ontem, ele concedeu a seguinte entrevista à Agência Jornal do Brasil (AJB).

Pergunta – Por que o senhor se transformou em em índio durante o Kuarup?

Gaiger – Houve um convite dos índios, eu diria quase um assédio, e eu aceitei de bom grado. Na medida em que eles sentiram que eu não estava colocando uma limitação, pintaram meu rosto e aí sentiram-se à vontade para avançar ainda mais. Tudo acabou na furação da orelha.

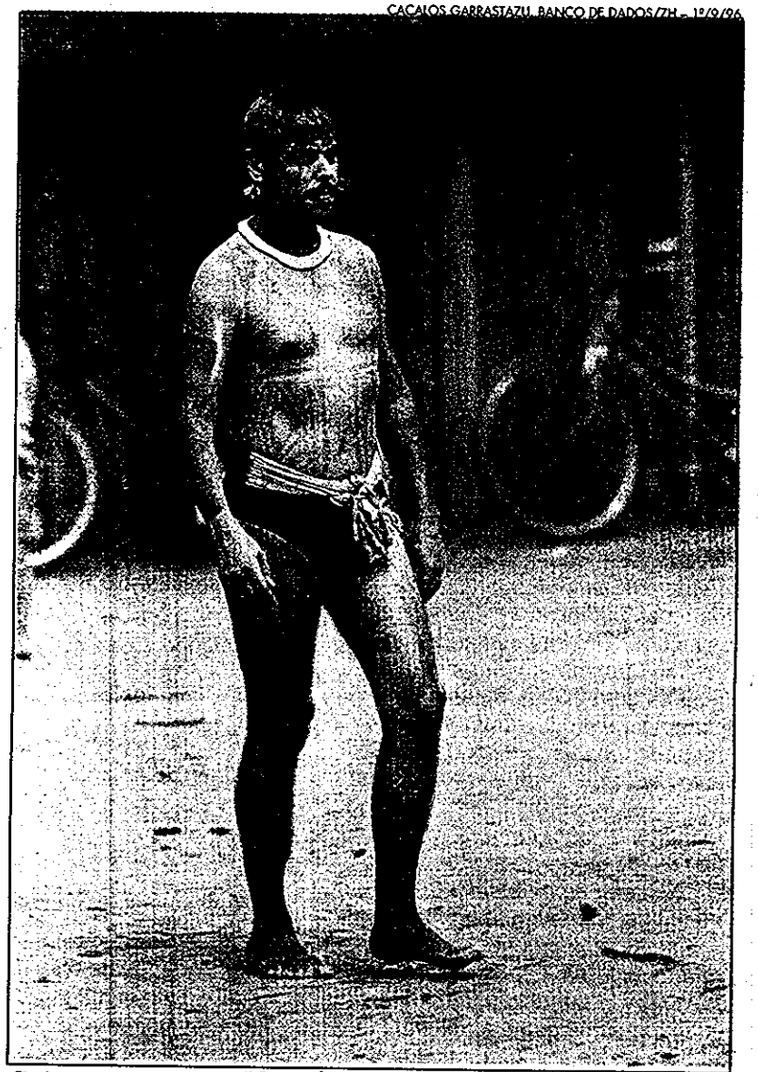
Pergunta – E doeu?

Gaiger – Doeu, mas não foi nada insuportável. Agora vou manter esse pedaço de pau na orelha, para evitar que o buraco se feche, e depois tenho que passar por uma nova furação.

Pergunta – O senhor recebeu críticas por causa dessa atitude?

Gaiger – Os jornalistas não entenderam o sentido do que estava acontecendo. Os índios ficaram empolgadíssimos. A minha atitude foi vista como um gesto de aproximação inédito. Um presidente da Funai que assume a feição indígena por inteiro, sem nenhum tipo de reserva, foi algo sensacional. À medida em que visitava outras aldeias pintado e paramentado como índio, percebia os comentários. Os índios diziam que eu estava realmente bonito.

CACALOS GARRASTAZU, BANCO DE DADOS/ZH – 1º/9/96



Gaiger no Kuarup: "Os índios comentavam que eu estava bonito"

LUX JORNAL | ZERO HORA PORTO ALEGRE - RS | 4 SET 1996

1661

"O hábito não faz o monge"

Ter sido fotografado sem roupa no Kuarup não constrange o presidente da Funai. Gaiger promete até levar as fotos para mostrar na Europa.

Pergunta – Os criadores do Parque do Xingu, os irmãos Villas Boas, não gostavam que visitantes se pintassem como índios. Chegaram a obrigar algumas pessoas a retirar a pintura.

Gaiger – Acho que no tempo em que havia uma certa dúvida sobre o ponto em que o índio vira branco e o branco vira índio havia esta preocupação de deixar os limites bem delineados. Quando me pintei, jamais pensei que os índios fossem encarar isso como uma tentativa minha de virar índio, mesmo que por um dia.

Pergunta – E a surpresa do ministro Nélson Jobim ao encontrar o seu subordinado todo pintado? Jobim disse, ao encontrá-lo sábado, paramentado, "isso é coisa do Gaiger".

Gaiger – Acho que o ministro levou um tempo para digerir aquela novidade. Ele não estava preparado para ela, mesmo que eu tenha antecipado a ele, antes da viagem, essa possibilidade. Ele não acreditou que a possibilidade pudesse se concretizar de modo tão radical.

Pergunta – O senhor se irritou com o fato de os fotógrafos terem flagrado o senhor, o ministro e um grupo de convidados tomando banho nus?

Gaiger – Estávamos num ambiente privado, nosso, para fazermos a nossa higiene diária. E a imprensa não desculpou. Eu lamento. Acho que não precisavam ter invadido o local de banho de que se dispunha lá na área. É a mesma coisa que entrar em nosso banheiro aqui na cidade. A diferença é que lá o acesso só é vedado pelo pudor das pessoas, e aqui, por portas trancadas à chave.

Pergunta – O senhor sabia que estava sendo fotografado quando apareceu nu, de costas?

Gaiger – Eu me expus propositalmente, porque senão teríamos que passar a noite acocorados na lagoa, porque estávamos num local bem raso. Como eu já estava indianizado, ou seja, a atitude do presidente seria encarada de forma mais natural, sugeri ao índio que estava conosco que nos antecipássemos na saída do banho para poupar os demais.

Pergunta – Não constrange ao senhor desembarcar amanhã em Londres com o rosto ainda pintado de jenipapo?

Gaiger – Não tem o menor problema. O hábito não veste o monge, mas vestir o hábito do monge pode ser uma homenagem a ele. Vou para a Europa tranqüilo. E levando fotos para mostrar que eu estava ainda mais paramentado no Xingu.

Pergunta – Fica comprometida a autoridade de um presidente da Funai que se deixa pintar pelas tribos que visita?

Gaiger – Essa proximidade física e afetiva é um contraveneno a qualquer possibilidade de abuso. Os índios pensarão mais de uma vez em tocar em quem lhes é tão próximo. O presidente anterior da Funai (*Márcio Santilli*), embora tenha uma luta em favor dos índios, não tinha esse grau de aproximação e foi exposto a um grande constrangimento (*Santilli foi detido por índios xavantes em seu gabinete e levado para a garagem da Funai).*

CACALOS GARRASTAZU, BANCO DE DADOS/ZH – 1º/9/96

Festa para os mortos

Agosto e setembro são os meses em que os povos do sul do Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso, se reúnem para saudar os mortos daquele ano. A aldeia onde a festa se realiza é definida de acordo com a morte de um índio de grande prestígio, cuja família será a anfitriã. O Kuarup é o ritual que encerra o período de luto entre os índios kuikuru, kalapalo, matipu, nahukwá, mehináko, awéti, kamayurá, yawalapiti, waurá e trumaí.